

A notícia em cordel: a reelaboração do fato jornalístico nos folhetos de ocasião¹

Henrique Pereira ROCHA²

Wedja Samira de SÁ³

Faculdade Cearense, Fortaleza, CE

RESUMO

Este artigo tem como objetivo relacionar os folhetos de cordel com os critérios de elaboração do texto jornalístico, a fim de encontrar aspectos semelhantes que os confirmem como fonte de informação jornalística. O processo de intercâmbio de mensagens através de agentes e meios ligados ao folclore, denominado folkcomunicação, balizam o referencial teórico aplicado a este estudo. Para tanto, utilizamos na pesquisa o estudo bibliográfico e exploratório descritivo, tendo como objeto de análise os cordéis “O juiz que assassinou o vigilante em Sobral” e “O desastre com o avião da TAM”. Através da análise dos objetos selecionados que tem por base práticas culturais tradicionais observamos que o cordel é um meio informativo que se relaciona com elementos da teoria da prática jornalística, utilizando-se de narrativas poéticas que possuem funções educativas e geradora de conhecimentos culturais, políticos e econômicos.

PALAVRAS-CHAVE: literatura de cordel; folkcomunicação; jornalismo.

1. O cordel como veículo de comunicação popular

Em todo processo de formação e evolução de uma cultura, a comunicação desempenha um papel fundamental. Representa o agente da configuração do simbolismo que marca o fenômeno cultural. É através da comunicação que se compartilha novas experiências, comportamentos, ideias, sentimentos, símbolos, normas e mitos acumulados de uma geração a outra. As pesquisas em comunicação popular revelam uma percepção na qual os processos se realizam de forma ampla, devendo ir além do meio comunicativo em si, pois é a dinâmica social que vai lhe dar significados. Esses estudos levaram a criar meios, instrumentos populares, práticas que retratavam os movimentos coletivos, tipos e formas de conteúdos diferentes daqueles então denominados “grande imprensa”. Isso representou transformações, manifestadas em pequenos jornais, boletins, folhetos, volantes e outros pelos setores populares (PERUZZO, 1998).

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em Gestão de Produtos e Serviços Culturais pela Universidade Estadual do Ceará (Uece). Mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (Unifor). Doutorando em Ócio e Desenvolvimento Humano pela Universidade de Deusto (Bilbao/Espanha). E-mail: henrique@faculdadescearenses.edu.br; hrochabr@gmail.com.

³ Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Faculdade Cearense (FaC). E-mail: wedja.samira@gmail.com.

Nos conteúdos da comunicação popular revelam-se um universo de ideais e anseios pela busca de uma vida melhor de grupos marginalizados, que por não se encontrarem expostos na mídia massiva se furtam de sua atividade de transmissão, recepção de mensagens culturais, atitudes e opiniões.

A mensagem da comunicação popular [...] em primeiro lugar se elabora a partir da realidade dos setores submetidos à dominação e isso explica, pela simples descrição de situações, um tom de denúncia que é inexistente na mensagem comercial de massa [...]. Em segundo lugar, porque a produção da mensagem popular corre por conta dos próprios grupos [...] utilizando para isso a linguagem que lhes é própria, também dissonante com o estilo e formato comercial. (URANGA, 2004, p.122)

O sistema de comunicação popular, neste sentido, pode ser designado como o conjunto de agentes, meios, métodos e técnicas de que se valem os grupos marginalizados da sociedade (BELTRÃO, 2004). Quatro são as formas de apresentação de comunicação popular destacadas por Joseph Luyten (1988): oral, escrita, gestual e plástica. Na apresentação oral fazem parte as anedotas, provérbios, contos, cantorias; na apresentação escrita estão a literatura de cordel, pasquins, dísticos de caminhão, latrinália e outros; na apresentação gestual configuram os mamulengos, bumba-meu-boi, malhação de Judas etc.; e na apresentação plástica os ex-votos, cerâmica, carrancas e artesanato em geral.

Entendemos que são essas formas pelas quais o povo se expressa a respeito de determinados assuntos, ou seja, se comunicam. Situam seus meios, adotam novas maneiras de agir. É um processo de onde se faz troca de ideias, informações, utilizando linguagens verbais e não verbais, canais naturais e artificiais para obtenção de experiências e conhecimentos. Assim, resume em elaboração e difusão de mensagens, participação pela comunicação. Este processo de tradução de conteúdos midiáticos pelos meios populares levou o pesquisador pernambucano Luiz Beltrão a desenvolver o conceito de folkcomunicação. Sua tese dedicava-se a esclarecer as estratégias e mecanismos adotados pelos agentes folkcomunicacionais no sentido de tornar compreensíveis fatos (informações), ideias (opiniões) e diversões (MELO, 2008).

Beltrão estudou alguns grupos que utilizavam a folkcomunicação, isto é, meios não formais de comunicação ligados direta ou indiretamente ao folclore, referindo-se a esses grupos como culturalmente marginalizados, que contestam a cultura dominante (BELTRÃO, 2004). No contexto da comunicação popular, é percebida a categoria do povo também como classe marginalizada e desapropriada de recursos comunicativos formais.

Como se informavam as populações rudes e tardias do interior de nosso país continental? Por que meios, por quais veículos manifestavam o seu pensamentos, a sua opinião? Que espécie de jornalismo, que forma - ou formas - atenderia à sua necessidade vital de comunicação? Teria essa espécie de intercâmbio de informações e idéias algo em comum com o jornalismo, que passei a classificar de “ortodoxo”? (BELTRÃO, 2001, p.74)

Interessa-nos nessa pesquisa estudar como as camadas populares adaptam e reelaboram as mensagens veiculadas na mídia em linguagem própria e aprofundar o valor do cordel como veículo de comunicação. Os veículos de comunicação popular, portanto, têm interesse em comunicar para que suas mensagens sejam guardadas na memória do receptor, e estes as transformem em ação. Portanto, os agentes comunicadores têm o encargo de avaliar os fatos, apurá-los e verificar se são de interesse público. Nesse sentido assemelhando-se à prática jornalística clássica. Curran (2001) conceitua a literatura de cordel como a poesia folclórica e popular com raízes no Nordeste do Brasil, ou seja, é registro e documento escrito da cultura do povo humilde. Mesmo sendo da “cosmovisão do homem comum” está enraizada em seu processo formativo. Por meio dessa literatura popular em versos, pode-se conhecer as origens culturais de muitos grupos sociais, além de seu caráter educativo e informativo.

Desde o começo, os folhetos de cordel apresentavam os fatos e as notícias do dia como se fossem o ‘jornal do povo’, escrito pela ‘voz do povo’ ou do poeta, sempre consciente de seu papel de interprete e voz de seu público. (CURRAN, 2011, p.201)

Os folhetos circunstanciais abordam, comentam satirizam, interpretam, criticam ou opinam fatos de interesse para a comunidade de forma poética. Este ciclo de características é os que denominam “jornalísticos” (MAXADO, 1980). Também denominados “jornalismo popular” pelo pesquisador Joseph Luyten, capta a realidade de maneira diferente das mídias tradicionais. Ele dispõe de métricas e rimas para divulgação das notícias, elementos que fixam as mensagens e os padrões de aceitabilidade no público, porém sua principal fonte é a cultura de massa, pois recodifica as mensagens dessa cultura para os povos de sua própria comunidade ou região.

Esse repórter popular introduz um novo jeito de relacionamento com interlocutor, compreende-se que vai além de narrar fatos, faz reivindicações, sátiras, críticas

e denúncias em linguagem próxima ao público leitor. Segundo Arievaldo Viana, em seu folheto “Nem matuto, nem erudito”, o cordel deve:

Falar a língua do povo
Porém de forma correta
É assim que o folheto
Deve cumprir sua meta
Usando temas diversos
Pretendo, pois, nesses versos,
Dar a receita completa. (VIANA, 2010, p.9)

Os poetas populares se transformam em “agentes comunicadores” e seus folhetos em veículos jornalísticos, mediadores de informação e expressão. Contudo, uma característica dos “agentes-comunicadores” é a predominância de vozes, significados vindos de antepassados, conservados pela tradição oral ou escrita.

[...] o poeta popular é um dos líderes de comunicação, intermediários da elite, com seus livros eruditos, televisão, jornais, teatro etc., e o povo. Tem a missão de entender para decifrar, traduzir, decodificar uma linguagem cifrada para outra que seu povo entenda. Para ele, tem de interpretar seus sonhos, ambições, destinos, desejos, ilusões. Ele é um “folkcomunicador” no dizer do comunicólogo Luiz Beltrão. (MAXADO, 1984 *apud* GADZEKPO, 2004, p.167)

Nesse sentido, os cordéis adquirem caráter jornalístico quando retrata acontecimentos atuais, ou seja, informam à população que não tem acesso a outros meios. Por outro lado, não utiliza dos mesmos elementos de captação de mensagens e apuração que a mídia massiva, com isso, “atualiza”, “reinterpreta” e “readapta” a sua linguagem aos modos de pensar a realidade.

Diante disso, abordaremos a partir de agora as teorias do jornalismo para percebemos onde o cordel se enquadra como veículo jornalístico. Sua narrativa pode comprometer seu caráter jornalístico? Quais são as aproximações temáticas e como são reelaboradas? Não se faz jornalismo sem pensar na sociedade e no tempo histórico. Desta maneira, busca-se falar de algo próximo do receptor, observando que a informação é acontecimento histórico da qual a narrativa faz parte (LAGE, 2006). Então perguntamos com que palavras narrar o destino alheio para conduzir os leitores a se deleitar sobre o texto jornalístico? O jornalismo não é um gênero literário, “sua ênfase desloca-se para os conteúdos, para o que é informado, propondo processar informação em escala industrial e para o consumo imediato” (LAGE, 2006, p.47).

O relato da ação, por meio da técnica jornalística exige que o jornalista no primeiro parágrafo introduza o fato, despertando o interesse do leitor para o desdobramento do texto. A narrativa foi o meio de constituir o desdobramento das perguntas clássicas regida pela realidade factual e pelos pontos rítmicos do cotidiano. Nos folhetos de literatura de cordel a atualidade pode ser percebida quando os poetas produzem os versos ao mesmo tempo em que estão acontecendo os fatos.

Segundo Nilson Lage, a possibilidade de construir um discurso jornalístico e o “empenho em atrair a atenção para um evento singular estão, sem dúvida, na origem mais remota do *lead*⁴ jornalístico” (LAGE, 2005, p.10). Essa norma básica leva à necessidade de informar prolongando a motivação do interlocutor, através de eventos sucessivos que despertem a curiosidade, resumindo no primeiro parágrafo os fatos culminantes que conduz a atenção do leitor a seguir para o detalhamento, exposto no corpo da matéria, configurando assim, no estilo da pirâmide invertida⁵.

Para Vicchiatti (2005), o jornalismo precisa preocupar-se com os elementos de: estética, contextualização, social, leitor, linguagem, sociedade e meio em que está inserido. Precisa mostrar todos os “cenários”, fatos e consequências daquilo que é notícia. Isso implica uma boa utilização desses elementos, que fazem parte da linguagem jornalística, ação humana e contexto social. E por que não usar fragmentos do jornalismo nos textos poéticos? Estes também podem se referir as mesmas produções do jornalismo convencional, acrescentando outro elemento próprio, expressão de opinião.

Se, portanto, o texto jornalístico se diferencia do texto poético, nem por isso a linguagem empregada no jornalismo há de estar confinada ao limite do mero informar. A mensagem informativa deve aliar o compromisso prioritário com a inteligibilidade e a possibilidade de uma reelaboração crítica dos conteúdos transmitidos. (VICCHIATTI, 2005, p.38)

Voltando à literatura de cordel, vemos o discurso noticioso nos versos, reproduções de fatos “recodificados” para o leitor. Quando observamos a diversidade da produção de literatura ainda presente nos dias atuais, compartilhamos do sentimento que “Seria triste esquecer o passado e o presente da realidade brasileira que se veem na literatura cordeliana e não dar atenção as suas mensagens” (CURRAN, 2011, p.14). Desta

⁴ Lead é o primeiro parágrafo que inicia uma notícia. Ele responde as seis perguntas básicas: quem, o quê, como, quando, onde e por quê.

⁵ Redação jornalística que obedece à seguinte sequência: fatos culminantes; fatos importantes ligados à entrada; pormenores interessantes e detalhes dispensáveis. (ERBOLATO, 2008)

forma, apresentamos a seguir nossas considerações sobre a importância e relação da literatura de cordel com os acontecimentos noticiados pelos grandes meios de comunicação.

2. O cordel de ocasião: análise e interpretação

A literatura de cordel, como podemos observar nesse estudo, vai além da poesia. O folheto tornou-se instrumento jornalístico e os poetas “repórteres populares”, não só para as comunidades que ainda não foram atingidas pelos meios convencionais de comunicação, mas por todos os públicos, independente da classe social, fatos determinantes para escolha desse meio de comunicação como objeto de estudo.

É a partir de um estudo comparativo com os objetos produzidos pela mídia massiva, que estabelecemos nesse trabalho uma análise e interpretação dos folhetos de “ocasião”, conhecidos assim por tratarem de fatos noticiosos. Assim, levaremos em conta a classificação desses folhetos defendida pelo jornalista e poeta Franklin Maxado.

De época ou de ocasião: podem ainda ser conhecidos como de “acontecidos” ou circunstanciais, pois abordam, noticiam, comentam, satirizam, interpretam, criticam ou opinam sobre fatos acontecidos que têm interesse para a comunidade. (MAXADO, 1980, p.53-54)

Ao relacionar os folhetos com os critérios de elaboração do texto jornalístico, encontramos princípios semelhantes que os confirmam como fonte de informação jornalística. Diante dos temas pesquisados, escolhemos para análise dois títulos: “O juiz que assassinou o vigilante em sobral”, do poeta Lucas Evangelista⁶, e “O desastre com o avião da TAM”, de Stênio Diniz⁷, ambos cearenses. Dois fatos de repercussão nacional, o primeiro no estado do Ceará, marcante pela razão de uma pessoa que rege as leis na sociedade, assassina um vigilante e também pelo flagrante das câmeras de segurança, que registraram toda a ação. E o segundo, em São Paulo, que configurou-se como tragédia nacional, dando destaque a situação de funcionamento de um dos mais importantes aeroportos do Brasil, quantidade de mortos e imagens fornecidas em tempo real pelos meios de comunicação.

⁶ João Lucas Evangelista é cordelista e violeiro. Nasceu em Crateús, Ceará, em 06 de maio de 1937. Ainda na infância teve contato com a literatura de cordel através de seus pais que gostavam de cantar e recitar histórias tradicionais.

⁷ José Stênio Silva Diniz é cordelista e xilógrafo. Nasceu em Juazeiro do Norte, Ceará, em 26 de dezembro de 1953. Artista múltiplo, já atuou como ator e cantor, sobressaindo-se, entretanto por seu talento como Xilógrafo. Herdeiro da tradição da Lira Nordestina, em Juazeiro do Norte, tem suas obras espalhadas nos principais museus de gravura do país.

2.1 O juiz que assassinou o vigilante em Sobral

Narrar histórias faz parte do mundo jornalístico. Os relatos são meios pelos quais as pessoas se espelham, pois a vivência do outro nos torna capaz de entender o que se passa fora da nossa realidade. As notícias se alimentam desses relatos que podem causar dor, tristeza, revolta e alegria a quem os leem. Diariamente, os jornais saem em busca de algo relevante para seu público. De acordo com Nilson Lage, as “informações relevantes são aquelas que, somadas às informações já disponíveis, produzem informações novas, até então não disponíveis” (LAGE, 2005, p.100).

Na classificação dos folhetos noticiosos (ocasião) da literatura de cordel, a escolha do assunto é indispensável. Câmara Cascudo citado por Curran (2001) aplica as estiagens, incêndios, assassinatos, vitória eleitoral e todos os assuntos acima da norma cotidiana e banal nas narrativas poéticas que tratam de informar o povo do sertão. Para o escritor Orígenes Lessa “os desastres, as inundações, as secas, os cangaceiros, as reviravoltas da política alimentam o caráter jornalístico dessa produção que sobe a centenas de títulos por ano. O bom crime é a alegria do poeta” (LESSA *apud* CURRAN, 2001, p.23).

Os poetas populares por tratarem desses assuntos no cordel de ocasião se denominam “poeta repórter”. No momento “Tem Lucas Evangelista / Seu nome é bem divulgado/ Com “O menino das abelhas” / E com “João Desmantelado” / Vive hoje em Crateús / No Ceará, seu Estado” (SANTOS, 2007, p.18). Evangelista declara no próprio folheto “O juiz que assassinou o vigilante em Sobral” que há tempos não escrevia, “Pois foi o crime de Sobral / Tragédia nacional” que despertou sua inspiração para ser divulgado em cordel.

O crime ocorrido em 27 de fevereiro de 2005, na cidade de Sobral, estado do Ceará deu-se quando o expediente de um supermercado já tinha encerado e o juiz da 4ª Vara da Comarca de Sobral, Pedro Percy Barbosa Araujo queria fazer compras e foi barrado pelo vigilante do estabelecimento. Diante disso, o juiz se identificou como “autoridade” forçando a entrada. O gerente Assis Viana, para evitar problemas, permitiu que Pedro Percy entrasse no estabelecimento, porém no interior do supermercado o juiz sacou de sua arma e matou o vigilante Renato Coelho Rodrigues com um tiro na nuca.

O abominável juiz
Falando muito alterado
Avançou contra o vigia
Dentro do supermercado
Na camisa do rapaz
Deu-lhe um supapo voraz

Deixando-o desaprumado
[...]
No premeditar distante
Que o juiz supapeou
De encontro à prateleira
Em nada se equilibrou
Com a arma em punho então
O juiz fez posição
E na nuca disparou. (EVANGELISTA, 2005, p.5)

Depois do disparo, o juiz deixou a cena do crime, porém um detalhe chama a atenção, todo o acontecimento foi registrado pelo circuito interno de segurança do supermercado, o que acarretou numa ampla divulgação do crime pela televisão e servindo como prova da autoria do homicídio.

O caso ganhou repercussão nacional e marcou os versos do poeta Evangelista. Porém, o que determina um evento ser recordado e recontado? “Basicamente, o fato de ter repercussão na vida nacional brasileira e despertar o interesse do povo” (CURRAN, 2001, p.28). Algumas notícias sobre crimes exigem uma cobertura mais extensa e interpretativa pelos meios de comunicação. Esse fato em específico afetou em diferentes escalas o cenário nacional pelo desdobramento exposto pela mídia e a exibição das imagens do circuito interno de vigilância do supermercado.

As imagens percorreram o país causando reação e comoção da sociedade. A *Folha Online* publicou, quatro dias depois do acontecimento, uma matéria com o título: “Juiz que matou vigia no CE alega que tiro foi acidental”. Explicação dada pelo juiz e que não condiz com as imagens.

José Renato, humilhado
Diante do tal gigante
O corpo do juiz, era
Dois tanto do vigilante
Mas ele sem tá lembrando
Que as câmeras tavam filmando
E registrando o flagrante. (EVANGELISTA, 2005, p.5)

A questão é que, usando de fatos divulgados pela mídia convencional, o poeta de cordel também garante sua narração, revelando-a através de rimas. O poeta interprete, recodifica e opina para um público popular que ainda não foi atingido pela comunicação de massa. No folheto de Evangelista, pode ser identificada que as fontes de informação do poeta foram às notícias veiculadas pelos meios de comunicação de massa, descritas na seguinte estrofe:

Os rádios na mesma hora
Jornal escrito e falado
A televisão mostrou
Como o caso foi passado
Caneta, tinta e papel
Sobre versos de cordel
Pelo poeta narrado. (EVANGELISTA, 2005, p.2)

A imagem da capa é o que primeiro chama a atenção para o cordel. Motivo pelo qual possa se justificar o cuidado com a xilogravura em retratar a história narrada. Desse modo, foram utilizados elementos reais do acontecido promovendo uma ligação entre as cenas grafadas pelo circuito interno e a capa do cordel. Criando assim, uma analogia na mente do leitor entre o fato narrado e o fato verídico. A câmera foca toda ação e em especial a mão do juiz, fazendo referência que à mesma mão que bate o veredito de culpa ou absolvição é também a que aperta o gatilho, tirando a vida do vigilante.

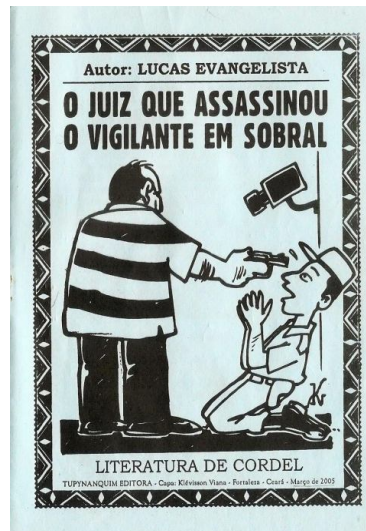


Figura 1: Capa do cordel “O juiz que assassinou o vigilante em Sobral”, de Lucas Evangelista. Ilustração de Klévisson Viana.

Assim, é possível verificar na capa de Klévisson Viana o posicionamento do vigilante. Já a roupa do juiz, faz menção à utilizada por pessoas criminosas na cadeia. A câmera de TV também revelada na capa registra o que se passa, impondo o impacto que tem a imagem comparada à palavra escrita. A documentação visual (xilogravura) dá dimensão ao acontecimento e o título reforça a ideia projetada na imagem.

Segundo Gilmar de Carvalho no seu livro “Xilogravura: doze escritos na madeira”, a xilogravura atingiu sua maturidade como a “[...] tradução visual de um relato,

recorrendo aos elementos mais fortes que permitissem uma leitura do folheto ou do romance a partir dessa ilustração” (CARVALHO, 2001, p.25). O título “O juiz que assassinou o vigilante em Sobral” também traduz e antecipa o relato, procurando impressionar o leitor a ponto de fazê-lo se interessar pelo conteúdo do folheto.

Importante considerarmos a forma como os folhetos de ocasião contam as histórias e desenvolvem as narrativas dos fatos relatados. A abordagem é igual ao jornalismo convencional? Sem abandonar a verdade como os fatos aconteceram, o poeta empresta sua cosmovisão ao escrever as notícias e nunca trata o evento como um fenômeno jornalístico isolado (CURRAN, 2001). A visão pessoal e as experiências vividas ao longo do tempo, imbricadas com a sociedade midiática estabelecerão sua maneira de escrever os relatos do acontecimento.

Deste modo, os poetas-repórteres retratam assuntos pautados na mídia com um novo ângulo, focando os mesmo personagens, mas de maneira inusitada. Eles se preocupam em dar uma contribuição aos seus leitores, além da informação eles também transmitem as emoções do acontecimento, indicando problemas, denunciando e, muitas vezes, contribuindo com soluções através de seus versos. Produzir um texto jornalístico envolve elementos que motivam a eficiência da transmissão. As regras básicas do *lead* conduzem ao questionamento e são narrados em ordem de importância ou cronologicamente prendendo a atenção do leitor para os detalhes e contextualização da notícia. O jornalismo convencional adota esse padrão, oferecendo no primeiro parágrafo de forma resumida os principais fatos.

Como o poeta pode ter (e provavelmente tem) um elemento básico de criatividade e até de ficcionalização ou mitificação do evento ou da personagem enfocada, é útil aplicar-lhe os mesmos princípios que regem o comentário de um texto literário ou que norteiam a explicação de um texto jornalístico. (CURRAN, 2001, p.32)

Assim, nos folhetos de ocasião o poeta desperta para uma figura divina, para interceder por ele contra as injustiças com o povo brasileiro. A religiosidade, na maioria das vezes, permeia a primeira estrofe ou recorrem ao fato de repórter. De acordo com Amorim, nenhum poeta vai direto ao assunto sem acrescentar um charme estilístico. “Faz parte do enfeitiçamento invocar as musas, pedir inspiração aos deuses, ressaltar sentimentos de dor ou alegria, valer-se de lições bíblicas e sabedoria popular” (AMORIM, 2004, p.320). O poeta Evangelista não fica de fora desse charme, à estrofe introdutória inicia-se desta maneira:

Há tempo que não escrevo
Por está fora da reta
Mas a musa da poesia
Me atirou mais uma seta [...]
Essa minha reportagem
Vai todo verso rimado [...]. (EVANGELISTA, 20005, p.1)

O poeta ao longo do relato discorre livremente sobre o assunto, expondo as próprias opiniões, críticas e análises. Mas como Curran (2001) acentuou, nos versos também são descritos os elementos básicos da notícia. No folheto em estudo pode ser percebido o Quê: um assassinato brutal; Quem: o juiz com o vigilante; Onde: na cidade de Sobral; e, Quando: “Vinte e sete, fevereiro / Do ano dois mil e cinco”. Verificamos a partir dessas estrofes, que o poeta leva em consideração os elementos básicos do jornalismo convencional, sem desconsiderar as medidas literárias, as característica e narração poética. Fazendo referência aos critérios de escolha da notícia, defendidos por Erbolato (2008) podem ser notados a repercussão nacional do crime e também a proximidade dos fatos.

Mas o que poderia transformar esse fato relevante para a sociedade? O impacto refere-se ao “abalo moral, causado nas pessoas por acontecimentos chocantes ou impressionantes” (ERBOLATO, 2008, p.61). Analisando os versos de Evangelista conseguimos identificar a resposta: “Como é que um magistrado/ um homem sábio e letrado/ Pratica um ato tão bruto” (EVANGELISTA, 2005, p.20). Buscando um pouco na memória, assassinatos são comuns nas pautas diárias, mas um juiz, defensor da sociedade ser agente da ação, causa no leitor impacto.

Outro critério jornalístico é aventura e conflito, segundo Erbolato (2008) são as notícias de assassinatos, rixas e também as que revelam a audácia de indivíduos que planejam, percebida quando o juiz volta ao carro, pega uma arma e comete o assassinato, para logo em seguida depois sai tranquilamente do interior do supermercado. A partir desse exposto, percebe-se que o caráter jornalístico também é privilegio dos poetas populares. A mídia é sua referencia, porém o relato ganha características próprias, o que não diminui seu valor informativo. Exercendo, assim, o papel de jornal popular para uma sociedade letrada e iletrada. Em meio à diversidade de veículos de comunicação, o cordel ainda consegue atrair leitores pelo formato tradicional, rima, ritmo, ilustração na capa, metáforas e originalidade do poeta (AMORIM, 2004).

2.2. O desastre com o avião da TAM

O pior desastre da história da aviação brasileira ocorreu em 17 de julho de 2007, quando a aeronave Airbus A320 da companhia aérea TAM se chocou contra um galpão da empresa, próximo à cabeceira do Aeroporto de Congonhas, em São Paulo, matando 199 pessoas. As cenas de dor e desespero das famílias e a angustiante operação de resgate dos corpos ficaram presentes na memória de muitos brasileiros. Pois, muitos veículos de comunicação se voltaram durante algumas semanas à cobertura completa do acidente.

A repercussão era inevitável, a busca pelos corpos dos passageiros, a identificação e as investigações sobre as causas se desenrolaram por várias semanas. O acontecimento abalou a população, pelo grande número de mortes envolvidas e a revelação da insegurança nos aeroportos do país. As notícias ganham repercussão pela originalidade do tema, assim, como também pela comoção pública, porque o leitor compartilha de uma mesma situação que lhe seria possível viver de alguma forma.

Mostrando em tempo real
Aquela triste ocorrência
O socorro era premente
E todo tipo de assistência
Bombeiros por todo lado
Mostravam ter competência. (DINIZ, 2007, p.2)

Como a televisão foi a grande aliada para a repercussão do fato, vê-se nos versos do poeta, desenhista e xilogravador Stênio Diniz como as informações divulgadas por esse meio chegaram ao seu conhecimento e expostas do texto do cordel “O desastre com o avião da TAM”.

Estando tranquilamente
Diante da televisão
Uma notícia cruel
Me pegou de supetão
Um avião em Congonhas
Causou grande colisão! (DINIZ, 2007, p.1)

Com este relato do poeta, observamos que os produtores populares se apropriam das mídias como fonte de informação para relatar nos folhetos de cordel os acontecimentos marcantes da sociedade, revelando assim, o cotidiano do local. Para iniciar o relato sobre “O desastre com o avião da TAM”, Diniz pede inspiração à deusa da poesia, para

“descrever com clareza um drama sem fantasia”. Um dos maiores acidentes aéreos que ele presenciou, por meio das imagens e informações divulgadas pela mídia.

Analisando as imagens
Vistas pela televisão,
Velocidade excessiva
Na hora do pouso, então
Foi a causa do desastre
Daquele grande avião! (DINIZ, 2007, p.3)

A televisão trouxe a união entre texto e imagem. A imagem ilustra e a palavra esclarece. É o que fez o poeta Diniz, esclarece através de palavras e imagens poéticas aquilo que viu na televisão.

O Brasil ficou contrito
Quando assistiu num programa,
Bombeiros desesperados
Tentaram deter a chama
Que rápido tomara conta
Daquele terrível drama. (DINIZ, 2007, p.9)

Analisando a capa do folheto, percebe-se na xilogravura o fogo no armazém da TAM Express que se alastra causando destruição e parte da aeronave acidentada. A veiculação das imagens do local em tempo real, na televisão, transportou o acidente para a casa das pessoas refletindo certa identificação com o sofrimento causado às famílias e conhecidos das vítimas. Os telespectadores se projetaram no ocorrido e sentiram como fazendo parte desse trágico acidente, dividindo e se emocionando em tempo real por meio da mídia. Stênio Diniz, além de escritor do cordel também, é o xilogravador, reproduzindo tanto no texto quanto na capa suas impressões acerca do desastre com o avião da TAM. Seu imaginário e sua memória reflete na xilogravura aquilo que ele presenciou pela televisão, mostrando a dimensão do fogo e o pedido de socorro das pessoas envolvidas, passando a ideia de que este não se ateve apenas ao local do ocorrido, mas ao abalo que causou as pessoas de um modo geral.

Ainda como referência às fontes de informação para o poeta, podemos citar a capa da Revista Veja, edição especial de 25 de julho de 2007. Percebe-se que esta edição foi publicada com um mês de antecedência ao cordel, o que pode ter influenciado a construção da imagem do acidente para o poeta, pois encontramos elementos semelhantes

entre as duas capas: a cauda do avião com nome TAM, o trabalho dos bombeiros na contenção das chamas e busca por sobreviventes.



Figura 2: Capa do cordel “O desastre com o avião da TAM”, de Stênio Diniz.
Xilografia de Stênio Diniz.

Na contemporaneidade, onde as informações são atualizadas constantemente, se faz preciso que os veículos de comunicação adotem técnicas distintas. Portanto, o que traz o folheto de ocasião de novo para a sociedade que vivência esses fatos diariamente em outros meios? A diferença entre um veículo e outro ao tratar um assunto, se dá pela maneira como este aborda a notícia e os níveis de contextualização de que ela necessita. Nesse caso, Diniz optou-se por descrever além das informações básicas, as causas que levaram ao acidente, através da explicação dos mecanismos técnicos do funcionamento do avião.

O piloto a todo custo
Quis frear o avião,
Não tentou arremeter,
Pois não tinha condição:
O freio pareceu fraco
Pra evitar a colisão!
[...]
“Reverso” sem funcionar
Somando à pista molhada
E o avião acelerado
Numa incrível arrancada
É notório que a máquina
Estava descontrolada. (DINIZ, 2007, p.3-4)

Uma das características do repórter é informar para transformar, colocando-se no lugar do leitor, contando o que viu. O poeta-popular ou “poeta repórter” interpreta os fatos do dia de sua cidade ou país apresentados através de matérias jornalísticas. Deste modo, colhe elementos de interesse humano e com imaginação e carga cultural constrói os relatos, reelaborando a notícia a partir de uma leitura que traduz o que viu na mídia.

Dentro dos critérios jornalísticos, o primeiro parágrafo precisa trazer um elemento que condicione o leitor ao corpo da matéria. No caso da revista *Veja*, a narração se fez da maneira a conduzir o leitor a uma revisitação das imagens veiculadas do momento da colisão, utilizando para isso, uma forma literária na apresentação do acontecimento. Nota-se no folheto de Diniz a sequência de rimas, que faz referência ao *lead*, porém atentando para o enfoque dos culpados.

Um Air bus 320
É que causou o acidente
Pela imagem se notava
Não haver sobrevivente
Era um avião da TAM
Que acabou completamente!!!

O choque do avião
Foi num armazém da TAM
Dezenas de funcionários
“Tavam” lá desde a manhã
Num trabalho de rotina
Com as suas vidas sãs.

Quando de repente, então
O avião desenfreado
Entrou esmagando tudo
Trazendo mal resultado
E agora resta saber
Quem é de fato, culpado. (DINIZ, 2007, p.2)

Na atividade jornalística se faz preciso encontrar um “gancho” para justificar a potencialidade da matéria, tendo como premissa a atualidade. Como as investigações depois de um mês estavam voltadas para as causas do acidente e identificações dos corpos, Diniz resolveu relatar as hipóteses já publicadas.

O avião tinha problema
No “reversor” da direita,
continuava operando...
Fato que ninguém aceita,
Por isso a falha mecânica
É que traz maior suspeita.

[...]
Sem “gruving” foi liberada,
Mesmo trazendo perigo!
Esse descaso absurdo,
Tento entender não consigo,
Quem devia defender,
Foi de fato o inimigo. (DINIZ, 2007, p.4-6)

Dentro dos critérios de escolha da notícia defendidos por Erbolato (2008), podemos notar nos versos de Diniz o impacto, abalo emocional que o acidente causou na população brasileira. A repercussão, por ser considerada a maior tragédia da aviação brasileira em quantidade de mortos. A importância pela razão de envolver o ser humano como protagonista e a proximidade do acontecimento com o leitor.

Desta maneira, foram expostos alguns elementos adotados pelo jornalismo convencional pelo poeta Diniz no seu folheto. O poeta reconstituiu os símbolos das narrativas tradicionais, apropriando-se de alguns elementos visíveis na sociedade midiática. O ritmo da periodicidade se dá a partir da publicação do folheto, um mês após o acidente.

3. Considerações finais

Foi na oralidade que a literatura de cordel se disseminou, buscando, ao longo dos anos, sensibilizar pelas imagens poéticas criadas na mente de muitos brasileiros. Através da cantoria podia-se ouvir a voz sufocada de um povo, muitas vezes de origem humilde contaminado pelas histórias cotidianas. A escrita trouxe a materialização de temas guardados na memória dos produtores populares, como forma de resistência num momento onde os meios de comunicação de massa têm maior poder de penetração. Segundo pudemos perceber, os autores dos folhetos de ocasião retrataram fatos atuais, utilizando nos seus versos e estrofes informações compatíveis com as veiculadas pela grande imprensa, aliando a formalidade poética à apreensão da realidade. Os títulos antecipam aos leitores o assunto abordado e a xilogravura favorece a informação visual. Confirma-se que a função estética do cordel favorece a reelaboração do fato jornalístico, e não compromete a produção poética.

Observamos nos dois exemplos abordados neste artigo a atualização das informações, ou seja, estavam de acordo com os últimos desdobramentos dos fatos, garantindo a presença dos elementos jornalísticos nos folhetos de ocasião. Os poetas

atentaram para a apuração da notícia e critérios de escolha que atraíssem seus leitores. Assim, consideramos que os objetivos comunicacionais foram alcançados: os poetas realmente são intermediários entre a cultura de massa e a popular. Simplificando em linguagem própria o que viu pelos veículos convencionais de comunicação de massa, mostram que a produção de notícias não é só um privilégio para os profissionais do jornalismo. As narrativas envolvem o vínculo com o cotidiano, ao mesmo tempo em que os versos escritos servem para conservar e registrar na memória acontecimentos importantes para a história. Por meio dos folhetos analisados, foi possível relembrar cenas que jamais sairão da memória, pois a sequência de rimas e opinião dos poetas traz novamente toda a comoção do fato, bem como o direcionamento de como iria acabar as investigações.

A partir da análise feita, pode-se notar que além de sua importância como veículo de comunicação popular, a literatura de cordel mostrou por meio da interpretação de folhetos de ocasião que ela também tem sua função jornalística, interagindo e assimilando as novas mudanças ao seu formato. Este estudo nos levou a perceber que as interações entre as mídias convencionais e as expressões das tradições populares permanecerão no sentido de satisfazerem seus respectivos públicos. A literatura de cordel, enquanto função comunicativa, conserva seu aspecto informativo, opinativo, narrativo, estético e com o valor simbólico que é próprio deste tipo de produção cultural, pois o surgimento de um veículo não elimina outro.

4. Referências bibliográficas

AMORIM, Maria Alice. **O folheto de circunstância 11 de setembro em cordel**. In: Anais do 10º Congresso Brasileiro de Folclore. São Luís, 2004.

BELTÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

_____. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: UESP, 2004.

CARVALHO, Gilmar de. **Xilogravura: doze escritos na madeira**. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura e Desporto, 2001.

CURRAN, Mark J. **História do Brasil em Cordel**. São Paulo: EDUSP, 2001.

_____. **Retrato do Brasil em cordel**. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

DINIZ, Stênio. **O desastre com o avião da TAM**. Fortaleza: Tupynanquim, 2007.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo**. São Paulo: Ática, 2008.

EVANGELISTA, Lucas. **O juiz que assassinou o vigilante em Sobral**. Fortaleza: Tupynanquim, 2005.

GADZEKPO, John Rex Amuzu. **Do folheto à tela cibernética: histórico, cotidiano e sobrevivência do Cordel**. In: MARTINS, Clerton (ORG.). *Antropologia das coisas do povo*. São Paulo: Roca, 2004.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

_____. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 2006.

LUYTEN, Joseph M. **Sistema de comunicação popular**. São Paulo: Ed. Ática, 1988.

MAXADO, Franklin. **O que é literatura de cordel?** Rio de Janeiro: Codecri, 1980.

MELO, José Marques de. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

PERUZZO, Cicilia Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

SANTOS, José Antonio dos. **História da literatura de cordel**. Fortaleza: Tupynanquim, 2007.

URANGA, Washington. **Utopia e realidade na comunicação popular**. In: MELO, José Marques de (Org.). *Comunicação na América Latina: desenvolvimento e crise*. Campinas: Papirus, 2004.

VIANA, Arievaldo Lima (ORG). **Acorda cordel na sala de aula**. 2ª ed. Fortaleza: Tupynanquim Editora / Editora Queima-Bucha, 2010.

VICCHIATTI, Carlos Alberto. **Jornalismo: comunicação, literatura e compromisso social**. São Paulo: Paulus, 2005.